



A PAIXÃO DO MÉTODO¹

Eguimar Felício Chaveiro

Resumo

A palavra “método”, em geografia – e fora – possui várias acepções. Com o objetivo de refletir sobre a importância do método na formulação do pensar geográfico e demonstrar que não há separação entre condições concretas do mundo e os modos de pensar, este trabalho apresenta algumas interrogações, entre as quais, esta: por que, no atual período, o método cedeu lugar à metodologia? O pressuposto básico das reflexões consiste em compreender que o pensar crítico, reflexivo e interrogativo só é possível a partir da relação da ciência com a filosofia, em que o método se faz presente. Da mesma forma, apresentar-se-á uma baliza: as dimensões lógicas do pensar têm ressonância, se efetiva e produz o seu sentido, ligadas às dimensões históricas, pois o pensar é um pensar-o-mundo, o mesmo mundo que interfere nos modos de pensar.

Palavras chaves: método; dimensões lógicas; panorama da geografia brasileira; tensões do pensar.

THE PASSION OF THE METHOD

Abstract

The word "method", in geography - and beyond -, has several meanings. In order to reflect on the importance of method in the formulation of geographic thinking and to demonstrate that there is no separation between the concrete conditions of the world and the ways of

¹ Palestra proferida no 1º Colóquio sobre Geografia & Método do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato da UFPE no dia 15 de outubro de 2020.

thinking, this work presents some questions, among which, this one: why, in the current period, did method give way to methodology? The basic assumption of reflections is to understand that critical, reflective and interrogative thinking is only possible if based on the relationship between science and philosophy, in which method is present. Likewise, a guideline will be presented: the logical dimensions of thinking have resonance, if they become effective and produce their meaning, linked to historical dimensions, because thinking is to think-of-a-world, the same world which interferes in the ways of thinking.

Keywords: Method; Logical dimensions; Panorama of Brazilian geography; Tensions of thinking.

PASIÓN DEL MÉTODO

Resumen

La palabra "método", en geografía - y fuera de ella -, tiene varios significados. Con el fin de reflexionar sobre la importancia del método en la formulación del pensamiento geográfico y demostrar que no existe separación entre las condiciones concretas del mundo y las formas de pensar, este trabajo presenta algunas preguntas, entre las cuales: ¿ por qué, en el período actual, el método dio paso a la metodología? El supuesto básico de las reflexiones es entender que el pensamiento crítico, reflexivo e interrogativo solo es posible a partir de la relación entre ciencia y filosofía, en la que el método está presente. De la misma forma, se presentará una pauta: las dimensiones lógicas del pensamiento tienen resonancia, se hacen efectivas y producen su significado, ligadas a dimensiones históricas, porque pensar es un pensar-el-mundo, el mismo mundo que interfiere en las maneras de pensar.

Palabras clave: Método; Dimensiones lógicas; Panorama de la geografía brasileña; Tensiones del pensar.

INTRODUÇÃO

Quatro autores contemporâneos da Geografia brasileira, com perspectivas diferenciadas e sentidos também diferenciados, se ajustam numa visão: sem um método consistente, o pensamento geográfico e o trabalho de intervenção no mundo pela geografia, tendem a ser capturados por forças ideológicas dominadoras. O método é, assim, a possibilidade de autonomia; é a baliza de emancipação. No método – e pelo método – contém-se a força histórica das ideias. E suas fluências políticas.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira (Universidade de São Paulo) tem levantado, em cursos de Geografia agrária, em bancas de defesas de mestrado e de doutoramento; e também em palestras, a bandeira que o pesquisador precisa se posicionar. Deve saber – e dizer – qual é o seu método. Essa assumência – replica Oliveira (2017) – é uma forma de mostrar o coração; é um posicionamento político. Com ênfase o geógrafo resume: o posicionamento aberto é uma forma de honestidade.

Milton Santos (Universidade de São Paulo), antes de falecer, nos seus cursos de Teoria e Método, deliberadamente dizia que, naquela circunstância, em torno do ano 2000, no panorama da geografia brasileira o método havia dado lugar à metodologia. No livro “Metamorfoses do Espaço Habitado – fundamentos teóricos e metodológicos da geografia” (1996), o autor havia pronunciado a ideia que a falta de ambição universalista dos geógrafos os conduzia a uma indigência teórica.

Ruy Moreira (Universidade Federal Fluminense), no livro “Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica” (2006), e, posteriormente em palestras, evidencia a profunda fragmentação da geografia brasileira e a sua dissolvência em vários tipos de pesquisa. A fragmentação deve-se, entre outros aspectos, a debilidade de um método que compreenda, num só lance, as diferencialidades e a unidade.

Horieste Gomes, geógrafo goiano, desenvolveu, desde a irrupção da virada crítica da geografia brasileira, até o presente, a tese de que a geografia não avança porque os geógrafos pouca atenção deram ao método dialético. Pontua que sem conceber a relação entre totalidade-conflito, não é possível conhecer a densidade histórica dos fenômenos espaciais. Daí, apenas a dialética não basta; é necessário o materialismo histórico e dialético. Com o seu livro “A produção do espaço geográfico no capitalismo” (1991) e também com outras produções, o geógrafo defende que não se pode separar a dimensão lógica da dimensão histórica. Ao interseccionar o lógico e o histórico, é possível aglutinar três aspectos da produção do conhecimento, o gnosiológico, o epistemológico e o axiológico.

A proposta desse texto origina-se de minha inserção ativa na geografia brasileira em torno de quatro décadas, somando o tempo de graduação até o presente momento (2020). Face a isso, o texto corre livre ao modo de um ensaio. A começar pelo título – *A paixão do método* – a inscrição de memória e da experiência vivida entre salas de aulas,

eventos científicos, missões científicas, organização de grupo de estudo, coordenação de projetos de pesquisa, são a seiva que o constitui.

Um pressuposto circunda as ideias contidas no conteúdo do texto: os geógrafos não podem demitirem-se da discussão de método, sem a qual corre-se o risco de terem pouca autonomia para enfrentar as ideologias reinantes e dominadoras. O método é, pois, a dimensão de significação do saber geográfico, como de outros saberes; é uma forma de dar sentido ao saber – e de fazê-lo como fonte da práxis política e humana.

CONVERSAS ITINERANTES SOBRE O MÉTODO

A geografia brasileira é agitada, está sempre em movimento. Pode-se dizer que Ela possui um corpo e uma assinatura. Tem, portanto, uma identidade caracterizada por ser crítica, engajada e conflitiva internamente. Embora tendo características próprias, sofre – e sofreu – influências externas, como, por exemplo, da geografia francesa.

Um ponto de partida histórico recomendável para produzir um vislumbre da riqueza e da complexidade da geografia brasileira é o Movimento de Renovação Crítico, cuja data emblemática é o ano de 1978 quando, num congresso da Associação dos Geógrafos do Brasil, em Fortaleza (CE), foi possível sintetizar as energias mutacionais que, desde 1960, vinham sendo propaladas em outros países.

Movida pelas lutas políticas que ocorriam no Brasil em protesto à ditadura militar, e inspirada pelo que ocorria no campo teórico, especialmente com a difusão de obras de David Harvey e Yves Lacoste, o contexto político do Brasil interpelava os geógrafos sobre as suas fundamentações teóricas. Então, era cabível – e necessário – que a crítica à geografia que era feita no Brasil clamasse pelo método. Na núpcia entre crítica política e crítica epistemológica, o marxismo, especificamente a economia política marxista, intercedeu-se como fonte discursiva e epistemológica.

Era um tempo que clamava pela prática. Ou por um pensamento que combatesse a ditadura, a desigualdade, a injustiça social, as desigualdades regionais e se pusesse ativo nas ações políticas. E que, ao mesmo tempo, acertasse conta com a separação teórica entre sociedade e natureza; tempo e história, com a descrição, com a técnica da memória, com as ideologias da pátria, próprias da chamada “geografia tradicional positivista”.

A partir da eclosão do Movimento, muitos textos e livros foram publicados. O livro de Milton Santos, "Por uma geografia nova: da crítica à geografia à geografia crítica" (1978) foi um marco. Ao propor a edificação de uma revisão crítica da geografia, Santos recorre à noção de totalidade social, observa a fragilidade teórica da geografia, vê os campos de diálogos da geografia e sua indefinição e, por fim, começa a elaborar um projeto teórico que vai culminar com o livro "A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção" (2002).

Outros autores e autoras, com igual esforço e com perspectivas diferentes da de Milton Santos, agiam no plano teórico e metodológico no intuito de construir uma geografia crítica. O fato é que, comum ao ato de pensar e de ser, o próprio campo crítico, com o tempo, passou a ter vários aportes. Muitas críticas rebateram as propostas teóricas e metodológicas do Movimento de Renovação, especialmente as aproximações dos "geógrafos críticos" com o marxismo. A professora Ana Fani Carlos, em defesa do marxismo e em debate franco com os críticos, assinalou que,

Um problema que parece central neste debate, é que a Geografia abdicou do marxismo sem uma crítica aprofundada sobre o modo como esta perspectiva permitiu construir uma compreensão da realidade, de seus limites e possibilidades. Muitas críticas partem do pressuposto, generalizante e, nem sempre correto, de que a geografia crítica reduziu a obra de Marx a um dogma ou ao plano político, concluindo como decorrência, que, com a derrocada do socialismo, o marxismo certamente pereceria. A crítica grosseira identifica o projeto utópico de Marx com o socialismo real, mas sem levar em conta, que Marx escreveu sobre uma realidade, certamente diferente da nossa e que, portanto, nunca se tratou (por parte de Geografia crítica) de buscar em sua obra conceitos e temas de modo a construir "um discurso para justificar as pesquisas geográficas". Marx legou um método de análise da realidade e com isso permitiu o deslocamento da produção do conhecimento dos planos epistemológico ou ontológico para a compreensão da prática social em seu movimento real e virtual construindo uma filosofia da práxis (CARLOS, 2007, p.3).

As palavras da autora são correspondentes não apenas às ideias e ao conteúdo geográfico esboçados no Movimento Crítico, mas à prática política que o encetou. Ora, a AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros -, por meio de seus encontros, da discussão coletiva, do debate ideológico, da reflexão epistemológica e da interpretação do elo entre conjuntura política e prática geográfica, indicou as preferências de método. O marxismo seria, naquele período, o fundamento para os objetivos e para as práticas que cunhariam a virada geográfica.

Nesse período, em face dessa conjuntura, os geógrafos brasileiros discutiam fervorosos – e infinitamente - o método e seu entorno. A discussão animada e sem fronteira, às vezes disparatada, assumia rumos quase despropositados: esses geógrafos procuravam saber se Kant-XVIII (ABBAGNANO, 2007), em Königsberg-Alemanha, andando para lá e para cá, ao incidir o seu pensamento sobre a física newtoniana – XVIII (ABBAGNANO, 2007); sobre o empirismo moderno de Hume - XVIII (ABBAGNANO, 2007); sobre o racionalismo de Leibniz – e outras fontes do XVIII (ABBAGNANO, 2007) – ia atuar na geografia conforme as duas gerações filosóficas que reinavam em seu tempo: a universalidade da razão ou a sensibilidade da experiência.

O questionamento sobre a relação entre razão e experiência, conceito e sensibilidade nutriam a necessidade de ler, não apenas Kant, mas Descartes, Hume e outros (ABBAGNANO, 2007). Kant, ao se postar entre o racionalismo e o empirismo, e, ao preconizar o espaço como algo não *a posteriori*, nem *a priori*, mas como condição humana para a percepção, produzia uma visão complexa.

Os geógrafos brasileiros tentavam descobrir a solução kantiana unificando a transcendência da razão à sensibilidade da experiência. Outros geógrafos debruçavam-se sobre a noção de natureza de Newton - XVIII, ou de espaço de Leibniz - XVIII (ABBAGNANO, 2007). Mais a frente, era comum averiguar o modo pelo qual Hegel (XIX) criticava a dualidade Kantiana e Marx (XIX) criticava a dialética hegeliana. Os geógrafos brasileiros se apaixonavam pelo método. A paixão do método – muitos diziam – era uma paixão pelo pensar e pelo agir. O Brasil fervia em movimentos que lutavam pela anistia, pela abertura democrática, pela reforma agrária, ferviam também o “intestino geográfico”.

Alguns geógrafos pediam ajuda aos professores de filosofia de suas universidades, outros quase “enlouqueciam” procurando entender os liames geradores dos fundamentos filosóficos do conhecimento geográfico. Era comum, nos eventos geográficos, haver embaraços tão grandes, que nem mesmo a palavra método era facilmente compreendida.

Lembro-me do professor João de Castro, líder da AGB- Seção Goiânia e Nacional, no fogo cruzado da bastilha da razão da época, de modo inteligente, prático e

rápido, sintetizar: “método é organização das ideias” (CASTRO, 2004). Logo argumentava: “as nossas ideias têm uma organização, senão ficamos loucos. Método é isso: é um modo filosófico de organização das ideias. Mas não pense que isso é simples, não. As ideias não são apenas um dizer sobre as coisas, isso todo mundo tem. É uma referência filosófica” (CASTRO, 2004, p. 16).

Horieste Gomes (1991), outro geógrafo seminal de Goiás, com simplicidade, explicava:

o método não é apenas um modo de pensar as coisas objetivas. Não é apenas o encontro do abstrato – o pensamento, subjetivo – com o empírico e com o objetivo. É mais: no método há a concepção de mundo. Por isso, o método carrega valores. Quando se sai de um método embasado numa visão idealista para uma visão materialista, essa mudança diz respeito aos valores, à visão de mundo. Pelo método pensa e se posiciona. O ser humano precisa tomar partido (GOMES, 1991, p.18).

Nos meados da década de 1980, os textos de Horieste Gomes (1991) eram lidos no Brasil inteiro e influenciavam geógrafos renomados do eixo sul-sudeste. A sua veemente defesa da dialética materialista e histórica tinha uma justificativa: “o pesquisador, o geógrafo não pode perder a historicidade. Se ele não compreende a historicidade, ele não luta, ele pensa que o capitalismo será eterno. Nada é eterno, as coisas são dialéticas, não uma dialética mecanicista, fechada, ela depende da práxis humana (GOMES, 1991, p.35).

Weder Freitas (2014), ao defender a tese “Geografia, militância e marxismo – a trajetória de Horieste Gomes e sua participação no Movimento de Renovação da Geografia brasileira”, expõe, com propriedade, o modo pelo qual se fundamenta o pensamento do geógrafo goiano. Diz ele que,

Ser-nos-á útil a argumentação minuciosa de que o Movimento de Renovação da Geografia, mais precisamente aquela de influência marxista, tem sua configuração através da mediante a militância política. Assim, não poderemos deixar de analisar a conjuntura política do momento de gestação, desenvolvimento e consolidação desse movimento na Geografia. Pelo mesmo motivo, encaramos o contexto histórico enraizado na formação humana, política e acadêmica de Horieste Gomes. Os eventos, nacionais ou internacionais, ocorridos na primeira metade do século XX, contribuíram para o despertar crítico desse autor (FREITAS, 2014, p.37).

A militância regava a investida dos geógrafos numa forma de geografia de sabor e linguagem críticos; essa investida cobrava um método que justificasse a militância. Nesse

quadro, era comum uma ala de geógrafos buscarem em Gramsci (XX) uma compreensão de método, pois era factível que a concepção crítica do mundo e da vida requisitassem uma consciência da história. Consciência sem história e história sem consciência não poderiam alimentar um pensamento crítico, nem a práxis social.

Ruy Moreira, interessado em desenvolver e clarear uma geografia com poder crítico e de intervenção, dizia:

O método responde pela busca da compreensão da realidade, vendo as categorias que interpõem as dimensões do singular, da particularidade e da totalidade num jogo de relações histórica e espacialmente determinadas. O mundo ao se colocar como objeto da práxis, dá a atividade do pensamento – e da consciência – um lugar fundamental na mudança da história (MOREIRA, 1987, p.17).

Milton Santos por várias vezes repetiu: “é na história que se enxerga o sentido das coisas. Inclusive os conceitos possuem seus sentidos delineados na história. Não há, portanto, ideia fora do tempo, eximida do contato com a historicidade” (SANTOS, 1985, p.8).

Todos nós, situados nas gangorras discursivas motivadas pelo Movimento de Renovação crítico, gostávamos de repetir que, *conhecer é apreender a densidade histórica dos fenômenos espacialmente configurados*. Essa ideia de conhecimento requisitava o método; é ele que se ocupa em fazer o traslado do singular – o objeto em questão – à totalidade, daí compreendíamos: o espaço é sempre mediação concretizadora do singular com o total.

O Geógrafo goiano João Batista de Deus, com muitos problemas políticos, especialmente com as coordenações dos colégios onde lecionava como professor de segundo grau chamava os seus alunos para compreender as categorias do método, especialmente do método dialético. Ele justificava: ”ora, se o aluno não compreende o método, ele vai ter o pensamento ingênuo. Existe uma forma de ter o pensamento crítico sem o método? Não existe. Pode ser difícil, é difícil para todo mundo, mas não tem outro jeito” (DEUS, 2018). Até hoje, com os seus orientados, ele segue os princípios do final dos 1980 para o começo dos 1990.

O debate em torno do método transcorria para notificar uma compreensão: o mundo muda sem parar, o espaço agrário daqui a dois anos será outro espaço agrário, a mesma mudança ocorrerá com os eventos de população, haverá novos problemas e outros conflitos. A cidade, a tecnologia, a política... tudo será diferente, o que fica no aluno é o modo de pensar. O que fica é o método, é o modo de pensar.

...O método é o que fica.

Mas havia advertências para a armadilha do método. Especialmente para os que tinham uma proposição ortodoxa. Essa armadilha recaía em protelar ou eximir da observação e, inclusive, do próprio movimento da realidade. Ou seja, o discurso do método, uma vez fechado, poderia obstruir a percepção, a leitura das circunstâncias, a singularidade dos objetos e dos sujeitos. Daí, a importância de conceber que, se o método preconiza princípios lógicos do pensar, o contato com os eventos da vida, com os objetos, com a realidade concreta, dialetiza esses princípios.

Não à toa Milton Santos (1985), usava o termo “sistema de referências” para designar algo próximo de sua compreensão de método. Douglas Santos (1988) ao fazer a contraposição da lógica dialética à lógica formal, insistia em ensinar que não é que A por ser diferente de B, afirma-se na diferença e a exclui. A ao negar B afirma-se enquanto tal, a negação é ponto da afirmação, a afirmação é ponto para a negação. Mas esta contradição pode ser incluindo noutro campo que não é apenas da forma: ambos, A e B, compõem o alfabeto, compõem uma totalidade, por isso é que, por exemplo, não pode “desenvolvimento” sem haver o “subdesenvolvimento”. O subdesenvolvimento é desenvolvido pelo desenvolvimento, este, o desenvolvimento é desenvolvido pelo subdesenvolvido. Um e outro fazem parte de um mesmo jogo. A questão vista desta forma repõe o modo de pensar: a questão central é a das forças, da hegemonia do poder, da luta de classe, assim como riqueza e pobreza. A lógica dialética não exterioriza os fenômenos uns aos outros, compreende-os no seio de seu movimento, de sua interdependência, de sua cumplicidade. Esta é a questão.

Descobriu-se mais tarde no fervoroso movimento da geografia brasileira: assimilar as categorias, por exemplo, da dialética ou as suas leis, assim como apenas filiar-se previamente a um método, não significa pensar sob a sua fluência. Pode-se externalizar

o método, transformando-o numa discursividade deixando o conteúdo do mundo fora de suas referências. E pode haver, como houve nos anos 1980, fiscalização epistemológica, delegacia de método, tirania epistemológica (AMORIM FILHO, 1985).

Procedia-se grandes debates em torno de uma ideia: “o método filosófico ou científico não basta. Nenhum método filosófico pode prescindir da observação, da sensibilidade – ou de outro quesito – que leve o sujeito cognoscente à empiria. Ao contrário, deve-se começar com o mais trivial, com o mais externo. A partir desse elemento dado, empírico, vai-se adentrando o mundo objetivo com as sensações, com os sentidos, juntando as peças, formando um todo, compondo os nexos, até chegar às categorias mais complexas. Depois disso, podem-se descobrir as variáveis importantes, os indicadores necessários, as categorias mediadoras até a totalidade. Mas essa não pode ser abstrata, pronta, pois ela está em movimento também”.

Em face disso, a ligação entre método e lógica supunha compreender a necessidade de definir as premissas, os pontos de partida, as entradas teóricas. As premissas são pedras angulares dos argumentos. Quando se supõe que os seres humanos para existirem estabelecem relações com a natureza e uns com os outros, está compreendendo que essas relações estão inseridas num modo de produção configurado por diferenças de classes, entre outras. Daí, o conflito de classe é parte central na reprodução da existência socialmente instituída. Este ponto de partida, ou seja, esta premissa conduz o pensamento a escrutinar vários objetos. Disso resulta o entendimento de que a premissa é filosófica, é um apoio filosófico do pensar.

Era conveniente conceber que os sentidos não estão separados dos valores, dos esquemas de significações, da cultura, dos imaginários e das ideologias. Ao dispor-se assim, compreende-se que o método não é uma máquina de pensar, por isso, a lógica não possui autonomia do mundo concreto. O método está contaminado pela cultura, assim como pelos sentidos. Agora, a consciência humana é grandiosa, por isso, ela pode pensar o pensamento; pode pensar o modo como pensamos. Esse dispositivo é que se pode chamar crítica. Assim, a crítica está dentro, é parte do modo de ver.

Pensar o pensamento – eis o papel da epistemologia.

Ao tomar a dimensão do método como dimensão filosófica, pode-se averiguar: uma coisa qualquer que está em nossa frente, uma cadeira, um sapato, um copo, do ponto de vista empírico, é algo banal, trivial, são objetos utilitários. Mas sob o crivo do método, tudo muda. Essa coisa existe, o que poderia nos levar a uma pergunta crucial para o conhecimento: por que as coisas existem? A pergunta pode ser incisiva: como as coisas existem para a minha consciência?

O exercício de cultivar dúvidas acena para dimensões universais, recorre à ação da linguagem, das referências, dos sentidos, da lógica. Como captar o movimento de uma cadeira ou como captar a cadeira em movimento? Que imagem de cadeira é possível formular a partir do conceito de mercadoria ou a partir do conceito de paisagem? Como sair da forma-cadeira e chegar ao conteúdo-cadeira?

Conforme os preceitos da dialética materialista e histórica, do empírico vai-se ao abstrato que, no funcionamento do pensamento, vai se tornando empírico-concreto chegando à dimensão do concreto-pensado. Esta passagem inclui as mediações, as determinações, os nexos e, portanto, os componentes envolvidos nas coisas – e nas suas forças. Mas há também a intencionalidade do olhar, a significação, os hábitos, as dimensões da percepção. Ou seja, o sujeito caminha todo dentro do olhar que vê, sentencia, identifica. Sujeito e objeto se mesclam, se interpõem. Isso envolve a cognição e também a política, por exemplo, que olhar ao Brasil interessa ao camponês? Que olhar ao Brasil interessa ao garimpeiro?

O cognoscível se aproxima do epistemológico e do axiológico.

Do Movimento de Renovação até os nossos dias, a geografia brasileira, como qualquer outro campo, além de delinear com as suas próprias pernas, sofreu a influência dos acontecimentos históricos. Especificamente, a queda do muro de Berlim, a crise do socialismo real do leste europeu; a entrada vertiginosa das novas tecnologias; a acumulação financeirizada; a chamada reordenação do capital e do trabalho; os novos dispositivos da sociabilidade em rede, somando-se à expansão e o crescimento da economia brasileira, iriam impactar, tanto interno como externamente, a produção geográfica, o seu modo de pensar, a sua organização institucional e os seus vetores políticos e ideológicos.

Algo que se desdobrou desses acontecimentos foi a profunda fragmentação do conhecimento. Foram surgindo geografias, as mais diversas. Se a pluralidade epistemológica se impôs como condição das mudanças, a fragmentação e o ecletismo se evidenciaram e se consolidaram numa versão competitiva na seara acadêmica. A própria universidade pública brasileira foi se moldando ao modo da organização empresarial, lógico, sob o impulso de propostas educativas do Banco Mundial e das corporações monopolistas. O método foi deixando de ser o condimento da reflexão, mas o bastão funcional para elaboração de dissertações e teses. Talvez possa ser dito: o método deixou de ser paixão para se tornar instrumento.

AS TENSÕES DO PENSAMENTO

A seiva crítica, o engajamento, a vontade de ligar prática social à reflexão teórica e vice-versa, mesmo sob uma profunda institucionalização e burocratização do saber, próprias da sociedade mundializada, ainda dão as caras na geografia brasileira. Entretanto, alguns pontos se ressaltam no atual momento. A AGB, apesar de ativa, deixou de ter o comando do debate teórico. A pós-graduação, irradiada em todo o país, desde 1990, passou a fazer esse comando.

Esse comando fez entronar algumas características da atual produção. Entre essas características destacam-se o academicismo; o esforço de formação centrado na procura de títulos de mestrado e doutoramento; o profundo formalismo do saber e a formatação de uma dicção repetida; o apressamento da produção; o protagonismo burocrático dos professores, muitos dos quais possuem mais forças nas negociações departamentais que nos aportes intelectuais.

A lei da pressa, tal como os hiperfluxos das bolsas de valores, os negócios de *commodities*, a zanza interminável e recorrente de capitais sobre as fronteiras, a formação dos conglomerados, as mensagens na flutuação incessante e patológica das redes, o terremoto de informações e de imagens, entrariam como substâncias organizativas da produção do saber na geografia – e fora dela.

Nem mesmo o discurso crítico, fundado no marxismo, ficou de fora do apressamento generalizante que se instalou burocraticamente nas instituições universitárias. Uma via de método foi o que o geógrafo Marcelo Lopes de Souza, denominou “essencialismo abstrato” (SOUZA, 2015). Ou seja, as análises, embora envergadas com vislumbres críticos, se tornaram generalizantes.

O mecanismo de controle burocrático da universidade neoliberal intercedeu no método. O debate extenso, reflexivo, infinito, feito anteriormente, cedeu lugar ao estrategismo, ao comércio de discurso, às trocas acadêmicas, ao culturalismo. A filiação se tornou, nesta circunstância, mais importante que a reflexão.

A implicação decorrente das sociedades mundializadas e da fragmentação do trabalho, em geral, e do trabalho acadêmico, as possibilidades de trânsito discursivos e também a atmosfera de maior liberdade de expressão acadêmica, fizeram desembocar num rico – e complexo – cenário teórico-metodológico. Tão rico, como complexo, tão complexo como difícil de ser mapeado. O próprio pensamento crítico, sob as tensões de dentro para fora e entre os próprios signatários, foi amealhado de vários matizes teóricos.

Os nomes das geografias são vários. Geografias libertárias, autonomistas e anarquistas; anarcomarxismo, decolonialidade, anticolonialidade, dialética histórica materialista, paradigma da diferença, da complexidade; identitarismo, Queer – e tantas outras versões -, num processo de diálogo, de ranhuras, de complementaridades e de confrontos, espelham o novo cenário crítico.

Expressões teóricas baseadas nos aportes fenomenológico-hermenêuticos; na semiótica e no culturalismo renovado também se juntaram na cena teórica. E versões neopositivistas, às vezes sob o manto de mapeamentos geotécnicos, ou com pequenas dissimulações críticas, também põem os pés, com força, no debate contemporâneo, especialmente de caráter mercadológico.

Tanto no campo da militância na esfera dos Movimentos Sociais, como na prática de pesquisa e de reflexão, passou a surgir reivindicações para se atentar que, fora da academia, existem outros saberes, vozes e tradições que, também, enunciam, contemplam e refletem a natureza, a cultura, o território e o ser humano. Vários dessas práticas e desses saberes ganharam força em ações práticas, como na Educação Ambiental, na Ecoconstrução, na agroecologia, no holismo sanitário, em tecnologias sociais, na arquitetura verde.

O debate sobre a hegemonia dos saberes e a crítica à racionalidade moderna, funcional, redutora, formal ganharam um contorno como também, responsáveis pelos problemas do mundo. A leitura geopolítica dos saberes, o combate à colonialidade do saber como esfera de poder, e a formação de uma consciência que os saberes científicos hegemônicos desenvolveram – e desenvolvem – silenciamentos, apagamentos, subalternização e inferiorização de povos indígenas, camponeses, de mulheres e também de culturas, etnias, raças, descerraram a cortina para solicitar respeito, escuta e abertura.

O respeito ao saber dos pobres e oprimidos; e o combate aos saberes hegemônicos que patrocinam o desmatamento, a erosão genética, a contaminação da água e do solo, a intoxicação da subjetividade humana e promovem a predação ontológica, seriam aportes e motivações para recolocar a atenção à linguagem camponesa e aos seus fazeres e práticas; à língua indígena; à dança e ao canto quilombola. Além disso, numa nova inscrição da sensibilidade teórica dever-se-ia perceber as astúcias das falas simples; a criatividade de povos indígenas; a temporalidade serena de sua vida; a inteligência das tecnologias sociais dos sujeitos de vidas simples.

Nesse contorno tão rico como complexo, desabrocharam setas para observar e interpretar o cotidiano, a dimensão singular, os índices. Portanto, a exuberante mensagem do mundo vivido, suas conexões, suas redes de causalidades, os seus nexos, compondo uma leitura da experiência geográfica do viver, incluindo, lógico, a dimensão universal, como a luta humana contra o desamparo, contra a solidão, contra a morte.

Tensionar as obviedades, não paralisar na denúncia, não externalizar a crítica, ver as determinações sociais, contudo, sem perder a potência das singularidades, do poder de ação do sujeito humano, iriam ressoar em proposições de produzir uma razão sensível e apaixonada. Para isso, seria conveniente fazer o pensamento vibrar no concreto do mundo, esse mesmo mundo que se impõe às formas de pensar. E buscar outras formas de dicção na literatura, na arte, nas narrativas do mundo.

Ao esclarecer que a discussão do método supõe ler o mundo e ver o mundo que se impõe nas formas de pensar, alerta-se o sujeito para não deslocar-se dos problemas urgentes do mundo, nem olvidar as ideologias que sustentam as formas de dominação. Atenção à realidade e aos discursos de um tempo se impõe como tarefas precípuas do método. Quando o geógrafo José Gilberto de Souza (2020) defende que o método é o principal aporte do conhecimento científico e ele sempre tem relação com a filosofia,

categorias universais como existência e consciência, movimento e forma, vida e morte, espaço e tempo, diferença e unidade, possuem sentido porque não se trata de separar o sujeito que pensa do mundo que é pensado. O método tem uma dimensão ontológica.

Souza e Fulino (2020, p.3), explicam que,

A utilização de quaisquer categorias de análise revela uma concepção mundo, revela a dimensão ideológica dos sistemas de pensamento. Quando permitem conhecer as propriedades e conexões universais da realidade (gnosiológica), fornecendo ao homem capacidade de resolver tarefas concretas sobre o desenvolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão filosófica, de elaborar uma atitude em relação à vida social, caracterizando uma perspectiva autenticamente gramsciana.

Portanto, cabe reconhecer que o pensamento é fonte de descoberta, de interrogação, de paixões e das ações humanas. Aprender os processos históricos que instauram a vida do sujeito e desafiam a consciência, no caso específico do trabalho do geógrafo, possui um adendo: discernir as tramas que produzem e reproduzem o território e, daí, as forças que produzem a riqueza e a pobreza, que ferem a vida em nome de grupos, de classes dominantes, de corporações. Diante disso, o papel do método é produzir a crítica, e essa tem permanência quando traz, em seu bojo, a utopia. O método crítico-utópico roga pela liberdade, pela transformação e pela crença na força social do trabalhador e de todos os oprimidos para agirem no mundo cômico de seu lugar nele. A dimensão espacial ou territorial se coloca aí, como se refere Souza (2020), numa alavanca para vencer a alienação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia brasileira continua impetuosa, não sem tensões. O que se faz agora – no campo teórico-metodológico e prático -, de alguma maneira tem a influência do Movimento de Renovação Crítica que, mesmo com tradições e problemas, fez proceder várias conquistas. Convém sublinhar o amadurecimento da compreensão das categorias teóricas norteadoras; a profunda criatividade com o trabalho de cartografia, incluindo várias vertentes cartográficas além da cartesiana; o esforço de vários grupos de pesquisa em vencer a teia fechada da dicção formalista e academicista da linguagem. A inclusão e o respeito ao sujeito. A compreensão das “determinações geográficas”. Entretanto, relativo

ao método, especialmente o vínculo entre filosofia e ciência, houve um arrefecimento. A implicação social da aceleração social do modelo de acumulação vigente nas práticas geográficas fez a pressa impor-se sobre a reflexão.

Ao observar o panorama atual da geografia brasileira, pode-se dizer que, grosso modo, percorre os trabalhos e as pesquisas geográficas, “uma geografia da acumulação desigual”, com fortes vetores críticos; atenta aos conflitos e às contradições sociais, implicada na leitura da totalidade social, no modo como espaço/tempo se coordenam diante do modo de produção capitalista. O materialismo histórico e dialético é o método que empreende as interpretações dessa visada. Mas há diálogos, debates e complementaridades, envolvendo também as geografias libertárias, anticoloniais, identitaristas.

Como foi enunciado anteriormente, a intervenção burocrática, a força da pós-graduação e os negócios do micropoder interferem também nesse campo. Às vezes, os discursos denunciastas fazem consagrar o essencialismo abstrato, minimizando o poder da observação, sequestrando reflexão dos lugares e de suas tensões. Porém, mantém acesa a chama crítica, o comprometimento com a transformação social. Mantém aceso uma geografia engajada e praxeológica.

Há também, sob diferentes vieses, uma geografia da experiência, da vivência, da sensibilidade, ou o que se tem denominado de etnogeografia. Vários trabalhos envolvendo sujeito, cultura, memória, etnias transitam nessa vertente. Nessa vertente há o risco do psicologismo, inclusive do empirismo, e de não estabelecer crítica às representações. Outro risco é fazer do esteticismo da linguagem o centro dos trabalhos ao invés da reflexão.

Mantém-se, sob várias rubricas, o neopositivismo direto ou camuflado. Essa vertente, no campo do método, faz substituir o debate sobre a verdade pela verificação. A partir do sensoriamento remoto e de todo o arsenal da cartografia digital desenvolve-se projetos práticas e intervenções no campo do planejamento. Justifica as suas funções mediante os critérios de cientificidade próprios da racionalidade instrumental exilando-se do debate político e ideológico.

Posto isto, alguns pontos devem ser evidenciados.

– O método é a ligação efetiva com a filosofia, pois o pensar é uma forma exuberante de vida. Entretanto, Ele, o método, não vige só, além de interpelar o objeto, é determinado também pelas relações sociais concretas. Daí, que não se deve concebê-lo como “uma máquina de pensar”, pois nele se encontra uma visão de mundo. Disso resultada que pensar é um ato político, pois enverga a práxis.

- O método dá o alcance da crítica, mas a crítica não pode ser externalizada – método não é apenas discurso. Por isso o discurso denunciata, às vezes necessário, é simplificador, pois elimina a interrogação e a reflexão.

- Hoje há a performatização do discurso com simulacros, fórmulas prontas, clichês, jargões. A performatização é um espelho do formalismo abstrato. Daí, a necessidade de interrogar aquele que fala, perceber a sua experiência de vida total, inclusive o seu caráter. O método sempre está ligado a uma busca: compreender o movimento do mundo e o mundo como movimento.

- Há hoje alguns desafios: sair do dogmatismo e do essencialismo abstrato e não cair no ecletismo. Convém considerar os avanços do conhecimento no século XX, como a física da relatividade de Einstein; a física quântica; a psicanálise e as novas tecnologias.

De tudo isso, o método expõe o poder incomensurável, necessário e humano do ato de pensar. Mas pensar vige sob tensões, pois está relacionado ao movimento do mundo e ao mundo em movimento. Temos defendido que o atual momento da história nos permite aglutinar, a partir do dialogismo e das conexões de saberes, as dimensões do conceito, da experiência e da imaginação. Assim posto, se torna possível fundir o pensar crítico à utopia, não deslocar-se da realidade, mas não se render a ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno: **Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da Geografia**. Belo Horizonte, IGC-UFMG, 1985, 56 p.

CARLOS, Ana Fani, A. A geografia crítica e a crítica da geografia. **Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias sociales**. Barcelona-Espanha, 2007.

CASTRO, João Alves. O Estado e o espaço. In: GOMES, Horieste. (Org.) **O espaço goiano: abordagens geográficas.** Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Goiânia, 2004

DEUS, João Batista. **O método e a orientação – informação livre.** GOIÂNIA:UFG, 2018.

GOMES, Horieste. **A produção do espaço geográfico no capitalismo.** São Paulo: Contexto, 1991.

FREITAS, Weder David. **Geografia, militância e marxismo:** a trajetória de Horieste Gomes e sua participação no Movimento de Renovação da Geografia Brasileira. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 2014.

MARX, Karl. **O capital – crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultura, 1983. Vol.1.

MOREIRA, RUY. Assim se passara dez anos. **Caderno Prudentino,** AGB: Presidente Prudente-SP, 1992.

MOREIRA, RUY. **O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina.** Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **A modernização da agricultura brasileira e a mundialização do capital.** In: palestra ministrada em Nampula-Moçambique - 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** 6.ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Douglas. **Informação livre**. Cidade de Goiás: EREGEO – Encontro Regional de Geografia de Goiás, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócioespacial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, j. Gilberto & FULINO, Raquel. **A questão do método, texto avulso**. Rio Claro-SP, 2020.

Informações sobre o autor:

Eguimar Felicio Chaveiro

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás.
eguimar@hotmail.com

Artigo recebido em 29/12/2020 e aceito em 20/02/2021